BIBLIOTECA MONÁSTICA DE SÃO MIGUEL DE REFOJOS E CULTURA TEOLÓGICA EM LATIM

MANUEL FRANCISCO RAMOS
INSTITUTO DE FILOSOFIA & CITCEM
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
mramos@letras.up.pt
https://doi.org/10.21747/0873-1233/spi31a1

RESUMO: Com este artigo é nosso propósito abordar a livraria/biblioteca monástica latina de São Miguel de Refojos e avaliar, no que ao livro em latim diz respeito, a extensão do seu inventário, especialidade e ordenação. Concluiremos que ela reflete não só a livraria típica de um mosteiro beneditino masculino (já que a livraria feminina era muito diferente), mas que também é uma biblioteca de especialidade teológica em sentido amplo e das disciplinas ancilares da Teologia: Filosofia, Direito Canónico, História Eclesiástica e Clássicos da Literatura, contendo abundante material didático; é também uma livraria materialmente rica, equilibrada e pós-Trento, em que se acha um quadro compósito da tradição hispânica e românica, mas à qual não falta muita bibliografia de outras geografias. Sem dúvida que corresponde aos anseios dos seus usuários no que à formação, leituras e interesses diz respeito. Na continuação, teceremos considerações breves acerca da biblioteca latina da botica, especializada e em lugar à parte, em que o latim representa mais de 50% do espólio conhecido.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca monástica; biblioteca monástica masculina; livraria de São Miguel de Refojos; cultura teológica em latim.

ABSTRACT: The purpose of this article is to examine the Latin monastic library of São Miguel de Refojos and assess the scope of its Latin book inventory, its specialization, and organization. We will conclude that it not only reflects the typical library of a male Benedictine monastery (as the library for women was quite different), but it is also a post-Trent library of theological speciality, in a broad sense, along with auxiliary disciplines such as Philosophy, Canon Law, Ecclesiastical History and Classical Literature, containing abundant didactic material; it is also a rich, balanced, post-Trent library, offering a composite view of Hispanic and Romanesque traditions, yet with an extensive Latin bibliography from the German geographical area. It undoubtedly meets the aspirations of its users in terms of education, reading, interests, and their needs for study and personal development. Following this, we will briefly examine the apothecary's Latin library, which is more

specialized and housed separately, where Latin books make up more than 50% of the known collection.

KEYWORDS: Monastic library; male monastic library; library of São Miguel de Refojos; theological culture in Latin.

1. Introdução

Quase nada se sabe da livraria medieval do Mosteiro de São Miguel de Refojos, em Cabeceiras de Basto, e do tempo do livro manuscrito, que por certo existiu, talvez devido à decadência monástica beneditina dos séculos XIV e XV; também não há registo de incunábulos ou isso é raro; o que se conhece é essencialmente do séc. XVI em diante, sobretudo dos séculos XVII e XVIII, portanto, uma livraria[1] pós-Trento e do «livro antigo», designação que compreende o livro de 1501 a 1800. Ainda que o inventário da biblioteca do Mosteiro de Refojos – um dos cerca de 577 que foram realizados depois da *exclaustração*[2] –, datado de 7 de abril de 1834, tenha sido realizado de forma lacunar, facto que tem dificultado a identificação de algumas obras e a identificação completa de muitíssimas, ainda assim ele fornece-nos uma ideia aproximada do que teria sido essa biblioteca monástica à data da *exclaustração*, ou seja, da extinção das ordens religiosas em 1834 e do confisco dos seus bens móveis e imóveis[3]. Nas três listagens do *Inventário* da Livraria, a forma mais simples de catálogo[4], Ana Líbano

[1] Na documentação da Congregação, é frequentemente designada por «livraria» com o mesmo sentido que biblioteca, palavra que qualifica sobretudo a biblioteca medieval, produtora de manuscritos no seu *scriptorium*.

[2] Cfr. CARVALHO, José Adriano de Freitas – *Da memória dos livros às bibliotecas da memória*. In *Da memória dos livros às bibliotecas da memória: Inventário da Livraria de Santo António de Caminha.* Porto: FLUP – Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, 1998, p. I-XXVIII.

[3] Ver MONTEIRO, Ana Isabel Líbano – *A livraria monástica de Refojos de Basto III. Novas leituras, outros olhares*. In Pedro Vilas Boas Tavares *et al.* – *Atas do V Seminário Internacional «Ora et labora – Refojos de Basto: Leituras, textos e autores beneditinos»*. Cabeceiras de Basto: Município de Cabeceiras de Basto, 2022, p. 209-224: IAN / TT – *Inventário da extinção do Convento de São Miguel do Couto de Refojos de Basto, de Braga*, Caixa 2247 (e não «2447»), Proc. n.º 336: Livraria, fólios 25-52, acrescido dos fólios 56-57 (onde constam os 30 títulos da Botica correspondendo a 45 exemplares). MONTEIRO – *A livraria monástica de Refojos de Basto III*…, p. 209, nota 3, identificou mais duas listagens («mais algumas obras localizadas em baús escondidos pela população»): nos fólios 127-129, inventariadas a 5 de julho de 1834, conforme regista o «Auto de continuação»; e ainda outras referências nos fólios 284-289, logo após a descrição de objetos pertencentes ao Cartório e antecedendo os títulos do mesmo, num total de mais 104 títulos, correspondendo a 172 exemplares.
Ver igualmente MONTEIRO – *A livraria monástica de Refojos de Basto III*…, p. 208-222, o Anexo que contém foto da livraria, fls 25 a 52.
Ver também: documentação disponível *on-line*: PT/TTMF-DGFP/E/001/00336
Ver ainda: Arquivo Distrital de Braga – ADB – *Congregação de São Bento de Portugal (CSB)* – Pastas n.º 132 e 133. Sobre o fundo de São Miguel de Refojos de Basto no Arquivo Distrital de Braga, ver SOUSA, Bernardo Vasconcelos *et al.* (Dir.) – *Ordens religiosas em Portugal. Das origens a Trento – Guia histórico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005, p. 73, 163-164.

[4] O inventário é a forma mais simples de catálogo, por conter apenas: nome do autor + título (ou *incipit*) + volume de obras, ou nem tanto.

MONTEIRO contabilizou cerca de (atendendo às limitações do inventário) 968 títulos, correspondentes a 2304 exemplares[5]. Acresce o inventário da Livraria da Botica, com os seus 30 títulos (correspondentes a 45 exemplares), 16 dos quais são em latim[6], de que falaremos.

No entanto, o espólio seria bastante maior do que o registado no seu inventário de 1834 pelo facto de os monges terem levado, no momento da *exclaustração*, os seus bens, incluindo livros próprios e eventualmente da biblioteca; e, adivinhando-se o confisco, alguns bens do mosteiro, incluindo livros (um baú de livros e de documentos do cartório, além de alfaias litúrgicas e paramentos), foram postos a salvo em casas particulares[7]. Daí que seja a descrição incerta e por defeito de uma biblioteca monástica.

Mas a destruição de livros e de documentação, motivada por incêndios, por invernos rigorosos ou pela incúria dos homens, ainda foi mais gravosa, como atesta o incêndio no Cartório do Mosteiro, em 1445, e a ocorrência de um segundo incêndio atestado pelos Estados de Refojos para o Capítulo Geral[8], que terá ocorrido entre de 1662-1665[9]; além da destruição por invernos rigorosos: «O rigor da estação, em um dos invernos passados nos arruinou de todo 90 volumes ensopados em chuva no Convento da Costa, sem falar nos que, por igual motivo, se devem ter arruinado na Livraria de Refojos de Basto»[10]; além dos roubos já depois da *exclaustração*: «A sua famosa e valiosíssima biblioteca foi mandada para Braga em 1838. Além dos livros roubados durante os quatro anos em que esteve ao abandono, após a supressão das ordens religiosas, foi o resto tão mal acondicionado que muitas se perderam pelo caminho»[11].

---

[5] MONTEIRO – *A livraria monástica de Refojos de Basto III*…, p. 209.

[6] Cfr. GIURGEVICH, Luana – *Bibliotecas de boticas beneditinas: Refojos de Basto e São Bento da Saúde de Lisboa no trajeto de livro científico da rede de bibliotecas monásticas*. In Pedro Vilas Boas Tavares *et al.* – *Atas do V Seminário Internacional «Ora et labora – Refojos de Basto: Leituras, textos e autores beneditinos».* Cabeceiras de Basto: Município de Cabeceiras de Basto, 2022, p. 225-260.

[7] Cfr. GIURGEVICH, Luana; LEITÃO, Henrique – *Clavis bibliothecarum. Catálogos e inventários de Livrarias de Instituições Religiosas em Portugal até 1834*. Moscavide: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016, p. XXIV.

[8] Estados: eram os relatórios produzidos para o Capítulo Geral da Congregação Beneditina de Tibães, sede da Ordem.

[9] Cfr. DIAS, J. Geraldo Coelho – *O Mosteiro de São Miguel de Refojos. Joia do Barroco em Terras de Basto*. Cabeceiras de Basto: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, 2009, p. 65; MONTEIRO, Ana Isabel Líbano – *Património literário de Refojos de Basto I: contributos (séc. XVI-XIX)*. In Pedro Vilas Boas Tavares *et al.* – *Atas do II Seminário Internacional «Ora et labora – Refojos de Basto: Religião, Letras e Armas: da Europa renascentista para Basto».* Cabeceiras de Basto: Município de Cabeceiras de Basto, 2017, p. 195.

[10] MONTEIRO – *Património literário de Refojos de Basto I*…, p. 197.

[11] Cfr. MONTEIRO – *Património literário de Refojos de Basto I*…, p. 197.

2. A Livraria e os seus usuários. A biblioteca necessária

O fundo documental de uma livraria/biblioteca é construído paulatinamente ao longo dos tempos de acordo com o interesse da instituição, o gosto de leituras dos seus usuários ao nível do ócio, da pastoral e das necessidades de formação teológica por parte de pregadores, de mestres e de estudantes de Estudos Menores (noviços e coristas) e de Estudos Maiores (Filosofia e Teologia). Tudo isso determina a *política* de aquisição bibliográfica por parte dos Abades, dos Bibliotecários, dos Abades Gerais da Ordem e de empréstimos entre mosteiros da Congregação[12]. As livrarias/bibliotecas também são representativas do conhecimento intelectual dos utilizadores ou da comunidade monástica, do seu domínio linguístico: latim, espanhol, português, francês e italiano, sendo o acervo documental a memória cultural da comunidade.

No caso concreto, influíram indelevelmente no rico espólio bibliográfico da biblioteca do Mosteiro de São Miguel de Refojos, incluindo o fundo latino, enriquecido ao longo de séculos, mas em que abundam as aquisições do séc. XVIII, um século culturalmente florescente, diferentes razões.

Em primeiro lugar, este mosteiro era considerado uma das «casas grandes» (ou «casas maiores» ou «casas principais») da Congregação, pelo número avultado de monges e de bens, facto que, sem dúvida, deve ter contribuído para o enriquecimento do acervo documental pela maior verba que recebia para as aquisições bibliográficas da Livraria; mas sobretudo depois de a Congregação ter decidido incrementar a aquisição bibliográfica dos mosteiros e dotar todos de uma livraria. De facto, em Capítulo privado realizado em S. Bento da Saúde, em Lisboa, em novembro de 1589, determinou-se:

> *que cada ano desse o padre Geral cada ano (sic) dez cruzados de cada casa grande e cinco das pequenas. As grandes: Tibães, Lisboa, Coimbra, Santo Tirso, Pombeiro, Refojos, Rendufe, Travanca, Paço de Sousa, Pendurada, Bustelo. As pequenas são: Ganfei, São Romão do Neiva, Palme, Carvoeiro, Arnóia. Deste dinheiro se comprará cada ano uma livraria para cada casa. E logo comece pelo Colégio o primeiro ano e daí por ordem e assento das casas, declarando que Tibães e Lisboa já têm livraria... e esteja pública e seja comum, mas de tal maneira que esteja fechada e haja muitas chaves que se dêem aos pregadores e quem mais quiser ir à livraria*[13].

[12] A Congregação dos Monges Negros de São Bento dos reinos de Portuga foi criada pelo Papa Pio V, em 1567, tendo ficado Tibães por cabeça.

[13] OLIVEIRA – *A relação do Mosteiro de Refojos de Basto*…, p. 42-43.

No triénio de 1644-1647 «fizeram-se na livraria as estantes novas», sinal de que o espólio de Refojos tinha crescido e de que era preciso pôr ordem no acervo[14].

Em segundo lugar, São Miguel de Refojos foi lugar de formação, no piso inferior, com porta para o pátio interior, não sempre, mas em certos períodos temporais, o que implicou as respetivas aquisições bibliográficas para a biblioteca a partir das suas muitas rendas[15].

De facto, teve Noviciado, uma palavra polissémica, que tanto significa a *casa* (i. e., colégio) onde os novos candidatos à vida religiosa recebiam a sua formação, como o *tempo* de formação de um aspirante a monge com a duração de um a dois anos. No Capítulo Geral de 1570, Refojos foi considerado um dos três aptos para ter Noviciado, o que implicou a existência de ensino (Colégio de Latinidade, «onde se lê gramática», ou seja, onde se ensina latim) para os novos candidatos (ou postulantes) à vida religiosa, dedicado ao ensino da leitura, da escrita e do latim, sendo necessárias as respetivas aquisições bibliográficas: gramáticas, dicionários, léxicos, florilégios e antologias, clássicos da literatura, historiadores... Quando aprovados, os candidatos ingressavam o Coristado.

Teve Colégio de Humanidades: estudo de dois a três anos depois do noviciado (ou profissão) e que constituía o Coristado. Os coristas da congregação aprendiam sobretudo Latim e Artes: Latim e autores clássicos, Grego, Hebraico, Retórica, História Universal e Antiguidade profana, História Sagrada e História da Igreja; só seriam admitidos às ordens sacras se soubessem latim suficientemente. Quando aprovados, passavam para os Estudos Maiores: Filosofia e Teologia[16].

Teve Colégio de Filosofia em diferentes períodos, em que se aprendia, durante três anos, depois do Coristado, as disciplinas de História Literária, História da Filosofia, Lógica, Ontologia, Ética, Geometria, Cálculo, Física, História Natural e Pneumatologia. Aí foram professores Fr. António de São João Baptista, eleito Passante, e Fr. António do Desterro Malheiro, depois bispo de Angola e do Rio de Janeiro[17]. Também aí estudaram Fr. João dos Prazeres (†1709), que viria a ser cronista-mor da Congregação, e Fr. Manuel da Piedade (†1701), um famoso monge músico[18].

---

[14] OLIVEIRA – *A relação do Mosteiro de Refojos de Basto*…, p. 43.

[15] O Couto de Refojos, de que o Abade era Senhor e Donatário, possuía muitas e vastas quintas e algumas igrejas anexas que se estendiam de Basto a Trás-os-Montes.

[16] Cfr. DIAS, J. Geraldo Coelho – *Glossário Monástico-Beneditino. Em torno dos espaços religiosos – monásticos e eclesiásticos*. Porto. «IHM – UP», 2005, p. 193-207.

[17] Cfr. DIAS – *O Mosteiro de São Miguel de Refojos*…, p. 78-79.

[18] Cfr. DIAS – *O Mosteiro de São Miguel de Refojos*…, p. 78.

Chegou a lecionar-se Teologia por curto espaço de tempo. A peste de 1599 em Coimbra, que assolou duramente todo o reino, obrigou a que o curso de Teologia (um curso de quatro anos) fosse transferido temporariamente para Refojos de Basto; e naturalmente que isso foi acompanhado do transporte de livros deste curso, que compreendia as disciplinas: Antigo Testamento e Novo Testamento, Teologia Exegética, História Eclesiástica, Teologia, Teologia Moral, Teologia Dogmática – Teorética e Prática, Concílios, Direito Canónico e Decretos apostólicos… Ora, é precisamente neste conjunto de disciplinas que se inclui a maior parte da bibliografia em latim da Livraria.

Por último, como a Ordem Beneditina dava grande importância à pregação (uma das funções principais de um monge), ao conhecimento, estudo e leitura, quer em grupo ou comunitária (pelo *leitor*), quer individual ou pessoal; e como todo o monge deveria exercitar uma atividade de cariz intelectual (ou então um ofício), o zelo para com as bibliotecas beneditinas era grande, quer no incremento de livros, quer na sua ordenação e asseio.

Por conseguinte, influíram no crescimento do acerbo bibliográfico do Mosteiro de Refojos, ao longo dos séculos, incluindo o fundo latino, o facto de ele ter sido uma das «casas grandes» da Ordem Beneditina; a existência de Colégio de Humanidades e de Estudos Maiores: de Filosofia e até de Teologia ao longo dos séculos, mesmo que por breve espaço de tempo; e pelo facto de a principal função de um monge ser a pregação e, por conseguinte, o estudo nesta área; além de os monges serem incitados a exercitar uma atividade de cariz intelectual e precisarem de se documentar. Tal fundo documental tanto podia ser fruto da compra, da doação e da troca com outros mosteiros, pois era frequente a circulação do livro entre mosteiros da Congregação.

3. A Livraria em números

É de presumir que a livraria/biblioteca de São Miguel de Refojos seria mais ou menos a biblioteca típica das «casas grandes» beneditinas. As línguas comuns são o latim (que é dominante), o português, o castelhano e, mais raramente, o francês e o italiano. Há casos de livros bilingues; também há alguns livros em vulgar que são traduções, sobretudo a partir do latim, pois a prática da tradução era comum e tinha uma grande tradição medieval.

De facto, destaca-se, para além do latim, a presença de numerosa bibliografia em português, que é reveladora da dinâmica intelectual dos nossos estudiosos (mosteiros, colégios e universidade), quer por serem criadores, quer tradutores. A presença de numerosa bibliografia em espanhol (aqui cabe a tradição hispânica desta livraria) explica-se pelo labor intelectual do país vizinho, pela facilidade

da língua (num tempo de bilinguismo ibérico) e pela facilidade de aquisição. Nota-se também a forte presença de bibliografia em francês, não só pelo labor intelectual da França, mas porque o francês se vinha a assumir como língua de cultura e língua franca na Europa Ocidental nas relações internacionais; e ainda por Portugal ter sido terra de acolhimento, após a Revolução Francesa, de muitos clérigos franceses. Vale a pena acrescentar que já na Idade Média havia uma forte corrente nacional de importação de códices de além-Pirenéus, vindos de Avinhão (Liturgia) e de Paris (Teologia e comentários).

Em termos de números, no que à representação das línguas diz respeito, obtivemos nós as seguintes percentagens, num universo de 864 títulos, tal como consta no catálogo elaborado por membros da equipa do projecto exploratório «Letras no Claustro: Bibliotecas monásticas a Norte de Portugal da Idade Média ao século XIX»[19]. Nele se destaca o latim, seguido do português:

Latim	357 títulos	41,32%
Português	318	36,80%
Espanhol	124	14,35%
Francês	46	5,32%
Italiano	05	0,57%
Indeterminado	14	1,62%

Quanto às áreas do saber, Ana Líbano Monteiro[20], sob o título de «Livraria Monástica de Refojos em números. Percentagem dos núcleos à data da extinção (1834)», num universo igualmente de 864 títulos, estabeleceu as seguintes percentagens, tendo em conta a totalidade das línguas:

Teologia	60%
Ciências e Artes	14%
Literatura	12%
História	10%
Jurisprudência	3%
Poligrafia	1%

[19] EXPL/LLT-OUT/0720/2021.

[20] MONTEIRO, Ana Isabel Líbano – *A Livraria monástica de Refojos de Basto II*. In Pedro Vilas Boas Tavares *et al.* – *Atas do III Seminário Internacional «Ora et labora – Refojos de Basto: Espacialidades, Materialidades, Espiritualidades»*. Cabeceiras de Basto: Município de Cabeceiras de Basto, 2018, Anexo 1, p. 163.

Quanto à livraria latina, verificamos (sem dispormos de estatísticas), que as percentagens são mais ou menos as mesmas, destacando-se largamente a Teologia e as suas disciplinas ancilares: Filosofia, Direito Canónico, História Eclesiástica e Clássicos da Literatura. Em termos de línguas, destaca-se o latim, mas o português e o espanhol (bastante menos o francês) estão muito bem representados, quer pelas obras terem sido escritas nestas línguas, quer porque tenham sido traduzidas.

4. Biblioteca masculina *versus* biblioteca feminina

De facto, o latim é peculiar de uma biblioteca masculina, como o castelhano e o português o eram de uma biblioteca feminina, como a do Mosteiro de Vairão, cujo inventário é igualmente conhecido, com 103 obras, 41 das quais são de direção espiritual[21]; e se na masculina é abundante a bibliografia latina das fontes bíblicas, exegéticas, patrísticas, jurídicas e de todo o livro teológico ou filosófico a que o autor quisesse dar uma projeção europeia, assim numa biblioteca feminina predomina a literatura de espiritualidade em castelhano e português – ascese, mística, hagiografia, Ordem de São Bento e outros livros que promovessem a espiritualidade, pois era intuito das monjas aperfeiçoar a sua vivência espiritual, aprofundar a vida em contemplação e em santidade, experienciar as práticas místicas e conhecer os preceitos da Ordem Beneditina.

Este tipo de bibliografia (ascese, mística, hagiografia, Ordem de São Bento) também se acha, sem grandes alterações, na parte final do inventário do Mosteiro de Refojos, pelo que, neste ponto, as duas livrarias se aproximam. Ou seja, onde a biblioteca de Refojos termina, a de Vairão começa e desenvolve-se; e pelo facto de este fundo espiritual ser semelhante, deduzimos que os livros seriam comprados por atacado e depois distribuídos de acordo com a necessidade e o interesse dos mosteiros – se masculino ou se feminino, se casa de formação ou não, se casa maior ou menor.

De facto, no que diz respeito ao acervo documental da biblioteca do Mosteiro de São Salvador de Vairão, uma comunidade monástica feminina da Ordem de São Bento (depois dos meados do séc. XII, pois antes era uma comunidade dúplice), verificamos que o latim não fazia parte dos hábitos de leitura e da formação das monjas, pois a comunidade, não se sentindo confortável com o latim, recorre a bibliografia em espanhol ou em português, ou a traduções a partir do latim. Há apenas um livro em latim: trata-se de um livro de Liturgia,

[21] Em contraposição à biblioteca, que é modesta, sabe-se que o mosteiro é detentor de um arquivo rico em documentos notariais. Encontra-se no Arquivo Nacional da TT e nele se acha o mais antigo documento escrito em proto-português (galaico-português): a *Notícia de Torto* (1214).

um *Proprium missarum de sanctis ordinis S[ancti] P[atris] Benedicti (Próprio das missas dos santos da Ordem)*, ou seja, um complemento ao *Missal Romano*, com as missas dos Santos da Ordem Beneditina (quiçá Coimbra, 1718), o qual nem sequer é de uso das monjas, mas sim dos sacerdotes que aí celebravam. De igual forma, esta comunidade parece ter pouco contacto com a *Bíblia*, pela razão de a sua redação ser em latim, pressupondo nós que o contacto com o texto sagrado seria feito através de fontes indiretas.

5. Essencialmente uma biblioteca teológica (em latim)

Em termos gerais, examinando o inventário possível da livraria de São Miguel de Refojos, importa dizer que é essencialmente uma biblioteca de especialidade teológica pós-Trento, aberta às diretrizes do Concílio, com abundante material didático, que reflete a penetração do Humanismo[22] e sobretudo do Iluminismo (eclesiástico). Servia os interesses e as necessidades dos usuários do Mosteiro, respondendo a muitos anseios, profissionais ou não, de mestres, pregadores (especialmente), cronistas, boticários e estudantes: quer ao estudo e preparação dos monges nas tarefas pastorais (a pastoral diocesana nas igrejas e paróquias de que Refojos era padroeiro ou lhe estavam anexas), nomeadamente a pregação; quer ao estudo e preparação dos noviços e dos mestres de Humanidades e de Estudos Maiores: de Filosofia e quiçá de Teologia; quer às leituras em comunidade (a cargo de um *leitor*): na igreja e no coro (cerimónias religiosas e Liturgia das Horas ou Ofício Divino, com um noturno: as Matinas, e seis diurnos – *Prima*, Tércia, *Sexta*, Noa, Vésperas e Completas); no refeitório ou à mesa[23]; quer ainda às leituras individuais ou pessoais na cela e no claustro (a "lectio divina": a leitura meditada e aprofundada da Bíblia, dos Padres e de obras que promovessem a leitura espiritual), havendo um incremento das leituras aos domingos, sextas e no tempo quaresmal.

Tratando-se de uma comunidade beneditina (num tempo em que os Jesuítas eram culturalmente dominantes), é esperado um incremento dos autores beneditinos nacionais e estrangeiros, pois haveria gosto, interesse na divulgação e facilidade na aquisição deste tipo de obras; e tratando-se de um mosteiro em Terras de Basto, haveria maior facilidade na aquisição bibliográfica de alguns impressores e livreiros locais[24].

Ainda que as línguas vulgares (português, espanhol, francês e até italiano)

[22] O destaque do latim surge ainda por influência da Europa renascentista, em que houve o incremento do estudo desta língua.

[23] Durante a refeição lê-se em latim, sobretudo a Bíblia, homilias, sermões e as Legendas dos Santos.

[24] Vd. MONTEIRO – *Património literário de Refojos de Basto I…*, p. 197 e ss.

estejam bem representadas em muitas áreas, como na sermonaria (já que a pregação ao povo era feita em vulgar, tal como havia consignado o Concílio de Tour no longínquo ano de 813) e na literatura religiosa e de espiritualidade, o latim é dominante noutras áreas: na Sagrada Escritura, na Exegese Bíblica (comentários à *Bíblia* ou a livros individuais seus), na obra dos Padres, dos Doutores da Igreja e dos Teólogos de renome, no Direito Canónico, na legislação eclesiástica e nas fontes literárias clássicas; e ainda na Liturgia e na livraria da botica, em que o latim perfaz mais de 50%; e em qualquer outra área teológico-filosófico, sempre que o autor pretendesse difundir a sua obra no exterior… De facto, o latim era a língua da cultura e do livro de difusão europeia; era a língua do ensino e havia a obrigação de o saber falar e escrever em ambiente escolar; era a língua das fontes primárias teológicas, filosóficas e jurídicas, as quais, quando comentadas, também o eram em latim; era a língua da Liturgia, mas não da pregação; era a língua da comunicação viva e língua franca nas relações internacionais entre eclesiásticos; e a língua das relações com a Santa Sé… Por isso é esperado um rico acerbo bibliográfico numa biblioteca masculina, que servia os propósitos da preparação teológica, da pregação e da formação escolar em alguns períodos temporais.

Próximo da livraria, como que formando ambos uma unidade, estava o cartório do mosteiro. Nele se guardavam os Livros de Tombo e os diferentes documentos antigos, como cartas de couto, emprazamentos, doações, compras, trocas e quitações… que atestavam a legitimidade dos bens do Couto e a quantificação das suas rendas; assim como todo o tipo de correspondência (especialmente com a casa mãe de Tibães e com o Corte pontifícia – bulas e breves), «indispensável a um convento que adquiria propriedades, que possuía rendas, privilégios e doações; pelo que devia estar, tanto quanto a Livraria, bem organizado e asseado pelo monge arquivista responsável»[25].

6. Ordenação do espólio bibliográfico

Em termos de ordenação, é de prever que o espólio bibliográfico estivesse corretamente arrumado (ou talvez não) em estantes, as quais continham no topo letras de A a Z, organizado por classes e subclasses; e dotado de um bom *Index*. Todavia, a descrição do inventário surge algo desordenada, podendo por vezes uma tipologia surgir dentro de outra, como a Liturgia surge dentro do Direito

[25] Cfr. CUNHA, Maria Cristina; SILVA, Maria João Oliveira e – *A cultura beneditina do cartório: princípios, objetivos e condições materiais de funcionalidade*. In Pedro Vilas Boas Tavares *et al.* – *Atas do V Seminário Internacional «Ora et labora – Refojos de Basto: leituras, textos e autores beneditinos»*. Cabeceiras de Basto: Município de Cabeceiras de Basto, 2022, p. 53-74.

Canónico e legislação eclesiástica; e parte da Exegese Bíblica surge dentro da Historiografia. De facto, o inventário apressado não teve a preocupação de fornecer a ordenação da biblioteca, que muito apreciaríamos, mas simplesmente de fornecer em síntese o teor do livro. Por conseguinte, o inventário não revela com exatidão o estado de organização da livraria em 1834.

Ainda assim, há tendência, mas nem sempre é respeitada, para uma ordenação temática (e não por autores), não tendo nada a ver com as letras do alfabeto no topo das estantes, que seriam meramente decorativas ou estéticas; e quando um autor tem mais do que uma obra dentro do mesmo tema ou próximo, geralmente surgem seguidos no inventário, mas nem sempre isso é respeitado. Esta ordenação algo desorganizada pode significar que os redatores do inventário percorreram estante a estante, começando numa ponta e terminando na outra, ou seja, começando pela parte referente às *Bíblias* e Exegese e terminando na parte relativa à Historiografia, mas sem serem rigorosos com a ordenação vertical do acervo. Pelo facto de o inventário ter dois tipos de caligrafia, deduzimos que foram dois os funcionários envolvidos, ditando um e escrevendo o outro; depois trocaram de funções. Dessa forma, encontramos explicação para os muitos erros de redação, pois tudo teria sido feito de forma célere e longe das boas regras arquivísticas.

Em termos gerais, verificamos a seguinte ordenação bibliográfica em classes e subclasses: Bíblias e (vasta) secção de Exegese Bíblica (a qual continua na parte final); Padres da Igreja, Doutores da Igreja e Teólogos de renome; inúmera bibliografia sobre «casus conscientiae», dedicados à Teologia Moral e Casos (ou casuística, a qual continua na parte final), mas também Teologia Dogmática e Escolástica; Teologia Polémica ou de controvérsia; Sermonária, em que predominam as línguas vulgares; Concílios, Bulários, Direito Eclesiástico e Direito Canónico; Liturgia; História Eclesiástica, Regra de São Bento e Ordem Beneditina (em que dominam as línguas vulgares); muita bibliografia didática de apoio ao Colégio de Humanidades e de Estudos Maiores: alguma que é repetida (Cursos de teologia, Exegese Bíblica e Teologia Moral), outra que é escolar e é nova: Historiografia e Literatura Clássica, Filosofia, Retórica, Dicionários e Gramáticas (Hebraico, Grego e Latim); e, por último, a Ascética, a Mística, a Espiritualidade e a Escatologia – bibliografia que é muito semelhante à da Livraria feminina de Vairão. Quase nada se acha sobre Liturgia[26], que era realizada em latim[27].

[26] Saltérios, Sacramentários, Evangelários, Leccionários, Antifonários, Oficiais (Ofício dos Defuntos, Livros do Ofício)…

[27] Consta o *Rationale Divinorum Officiorum* (1 t.), do famoso Guillaume Durand (†1296), canonista e liturgista medieval francês, acerca do culto divino; o *Thesaurus Sacrorum Rituum* (2 t.), do barnabita Bartolomeu Gavanto

Vejamos agora em pormenor as diferentes classes e subclasses.

6.1. Sagrada Escritura e Teologia Exegética

A *Bíblia*, composta por 73 livros, é o livro mais estimado, mais influente e fonte primária essencial[28], podendo surgir completa ou só em parte (como os Salmos: *Psalmi Davidis Vulgata Editione*, que eram importante para as leituras da comunidade e para a aprendizagem do latim), a qual era objeto de estudo, de oração, de reflexão ou meditação. O Mosteiro de Refojos dispõe de uma coleção delas, sobretudo do séc. XVI, em latim. Destaca-se a *Vulgata Sixto-Clementina* ou *Vulgata Clementina,* adotada como texto canónico depois do Concílio de Trento: *Biblia Sacra Vulgatae Editionis*. Podia surgir apenas com o texto simples ou com o texto comentado, como a *Biblia sacra cum glosis, interlineari et ordinaria,* em 6 t., com dois tipos de glosas, podendo esta ser a de Nicolau de Lira (†1349); e até um exemplar que é uma edição dos mais antigos textos, o qual foi recentemente emendado (*castigata*): *Biblia sacra ad vetustissima exemplaria nunc recens castigata*. Não surge texto em grego, mas sim em hebraico: *Biblia Hebraica*. Raramente surge traduzida ou sob a forma bilingue, mas isso acontece por duas vezes: *La Sainte Bible en Latin et en François*, que é uma ed. de texto completo e comentado; e a *Bíblia traduzida em português*, que deve ser muito tardia e é de difícil identificação[29]. Não surgem traduzidos em português ou espanhol livros isolados da *Bíblia*.

Complementar ao texto sagrado, surge a abundante bibliografia de Teologia Exegética em latim, não raro em vários tomos ou volumes[30], que é uma especialidade da livraria de Refojos, dada a importância da exegese ou comentário para a formação e pastoral dos monges, para o uso dos pregadores do mosteiro e para a formação escolar. Têm a função de explicar o sentido bíblico, quer dos livros do AT, quer do NT; ou então os seus vários sentidos: o sentido literal ou histórico e o sentido espiritual – alegórico, moral e anagógico; ou ainda a proximidade ou concordância com outros passos bíblicos; ou ainda o que as grandes autoridades, como os Padres, disseram acerca de um passo ou como o comentaram. Este tipo de bibliografia, em que os Jesuítas dominam e outros professores das Faculdades de Teologia, possui no título as palavras

(†1638), liturgista italiano; e o *Rituale Romanum Pauli V* (1 t.) impresso em Lisboa.

[28] Cfr. MARTINS, Mário – A *Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa*. Lisboa: Instituto Cultura Portuguesa (Biblioteca Breve), 1979.

[29] Em Portugal, a primeira tradução nacional completa da *Bíblia* é muito tardia 1681 (igreja protestante; cfr. «Os 'mil erros' da *Bíblia* de Almeida»); as traduções católicas nacionais são mais tardias – a partir do final do XVIII.

[30] Distinguimos entre volume e tomo: nos volumes, cada volume tem a sua paginação própria; nos tomos, a numeração das páginas é contínua.

Commentarius, Commentarii, Commentaria, Commentariorum, Adnotationes, Explicatio, Notationes, Interpretatio, Postilla seu Expositio, Enarrationes[31]. Pode abarcar toda a *Bíblia*, um só livro ou apenas um capítulo. Por exemplo, sob a designação simples de *Commentarius*, surge um comentário em 15 t. a toda a *Bíblia*, do famoso exegeta jesuíta Cornélio de Lápide (†1637), que viria a influenciar os futuros pregadores e exegetas. Porém, o mais comum é haver comentários a livros individuais da *Bíblia*, os mais importantes, como os *Quatro Evangelhos*, que se distinguem, havendo o comentário e a concordância de texto com os restantes Evangelhos: *Commentariorum in Concordiam et Historiam Quatuor Evangelistarum*; *Commentaria in Quatuor Evangelistas*; ou um só evangelista: *Expositio in Sacrosanctum Jesu Christi Evangelium Secundum Matthaeum*; *In Sacrosanctum (…) Evangelium Secundum Lucam…*; ou um só capítulo de grande dramatismo: *Annotationum in Caput Decimum Tertium (…) Evangelii Secundum Joanem*; os *Salmos* e os *Provérbios*, dado o grande uso, quer pela leitura, quer por eles se aprender latim: *Commentariorum in Librum Psalmorum*; *Expositio in Proverbia Salomonis;* ou só os quatro primeiros salmos: *Commentarii in Quatuor Priores Davidis Psalmos*; ou um só salmo importante: salmo 100 – *In Psalmum Centesimum Davidis Commentarii et Adnotationes;* ou salmo 50 – *Explicatio Psalmi Quinquagesimi, Misere Mei Deus*; ou salmos de um autor antigo desconhecido:: *Commentaria in Psalmos Davidicos, prisci cujusdam auctoris incogniti*; a *Carta de Paulo aos Filipenses*: *In Epistolam B. Pauli ad Philippenses Commentarii et Adnotationes*; o *Livro dos Reis*: *Commentariorum ac Discursum Moralis in Regum Libros*; os *Génesis*: *Commentariorum atque Observationum Moralium in Genesim*; o *Eclesiástico*: *Commentarii in Ecclesiasticum*; ou só o Decálogo do Êxodo: *Explicatio Decalogi…* e muitos outros.

Vale a pena acrescentar que os autores nacionais estão bem representados, em que se destacam: o comentário ao *Cântico dos Cânticos*, do exegeta dominicano Luís Sotomaior (†1610), da Univ. de Coimbra: *Cantici Canticorum Salomonis Interpretatio*; ou o comentário de João da Silveira (O.C.) ao *Apocalipse*: *Commentariorum in Apocalypsim*; ou o comentário do bispo de Coimbra, Fr. João Soares (†1572), a dois evangelistas: *Commentaria in Marcum & Lucam Evangelistas*.

Ligado ao género comentário, também encontramos as *Disputationes* teológico-filosóficas: o método escolástico da disputa universitária ou debate para descoberta da verdade, de grande tradição universitária, que podia ocorrer em aula ou entre mestres. Este tipo de bibliografia, próxima do comentário,

[31] Para lá dos comentários à *Bíblia* ou a um ou mais dos seus livros, também temos o comentário aos grandes textos teológicos, como São Tomás ou Pedro Lombardo, como a seguir se dirá.

podia abarcar diferentes temas, tanto teológicos como filosóficos. P. ex., passos selecionados da Escritura: *Selectarum Disputationum in Sacram Scripturam*; e *Disputationes Theologicae* (1 t.), de autor incerto; a teologia de Santo Anselmo: *S. Anselmi… Theologia Commentariis et Disputationibus, tum Dogmaticis tum Scholasticis, Illustrata* (2 t.); a *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino (vários): *Commentatiorum ac Disputationum in Primam Partem Summae Theologiae Sancti Thomae Aquinatis*; ou um determinado tema teológico: a felicidade da alma e do corpo: *Disputationes de Animae et Corporis Beatitudine*; o matrimónio: *Disputationum de Sancto Matrimonii Sacramento*…; ou as *Disputationes* filosóficas acerca de Aristóteles: Lógica, Metafísica e Intelecto.

6.2. Padres, Doutores da Igreja e Teólogos notáveis

Aqui se incluem a vida e os escritos dos Padres Igreja, dos Doutores da Igreja e dos Teólogos afamados, que são a informação mais importante depois da lei mosaica e da lei evangélica. As suas obras são generalistas, pelo que percorrem todas as áreas da Teologia: Exegese Bíblica, Cristologia, Teologia Dogmática, Apologética, Homilética (Mariologia), Liturgia, Literatura cristã…, sem prescindir da Filosofia. São oito séculos muito ricos na reflexão teológica. Quanto aos Padres, é costume distinguir a Patrologia (vida e escritos) da Patrística: pensamento teológico dos Padres, embora as duas palavras também possam ser sinónimas. Surgem quer os Padres gregos (em versão latina), quer os latinos, podendo figurar misturados. Geralmente surge toda a sua obra em vários volumes, pois há o gosto em recorrer às fontes (de acordo com as diretrizes humanísticas) e em possuir os textos completos, sob as designações de: *Divina Bibliotheca; Opera; Opera Omnia; Opera plane Divina*.

Entre os Padres latinos (alguns são Doutores, outros pertencem à Ordem Beneditina) destacam-se: São Jerónimo (†420), com a sua *Divina Bibliotheca* (5 t.) e uma seleção de cartas: *Epistolae Aliquot Selectae*, de utilidade e uso escolar; Santo Agostinho (†430), com a sua *Opera* (9 t.); ou simplesmente com uma antologia dos textos mais notáveis, de âmbito escolar: *Opuscula Divi Augustini Longe Prestantissima*; o beneditino São Gregório Magno (†604), com os seus *Opera Omnia* (4 t.) e as *Epistolae Decretales ac Familiares*; São Cipriano de Cartago (†258), com a sua *Opera* (em 1 t.); São Leão Magno (†461), Papa, com os seus *Opera Omnia* (1 t.); ou com todos os seus sermões e homilias que sobrevivem, úteis para pregadores: *Sermones & Homiliae, quae quidem extant omnes* (1 t.); além de, naturalmente, a *Regula*, de São Bento (†543).

Entre os Padres Gregos, cuja obra surge vertida para latim (pois esta comunidade não se sente à vontade com o grego) e em que há a tendência para dispor da obra completa, destacam-se: São Cirilo (†444), patriarca de

Alexandria, com os seus *Opera Omnia* (1 t.); João Crisóstomo (†407), arcebispo de Constantinopla, com a sua *Opera* (5 t.), em que se destacam as homilias; São Basílio Magno (†379), bispo, com a sua *Opera Plane Divina* (1 t.); Pseudo-Dionísio Areopagita (†500), com a sua *Opera* (1 t.).

Entre os Doutores da Igreja, destacam-se os escolásticos medievais. Em primeiro lugar, Santo Anselmo da Cantuária (†1109), monge beneditino e arcebispo, por ser um autor beneditino, quer com os seus *Opera [et] tractatus* (1 t.) e os *Opera Omnia* (1 t.), quer com a obra comentada pelo beneditino cardeal José d'Aguirre (†1699): *S. Anselmi… Scholiis, et Comentariis Ilustratus* (3 t.); e *S. Anselmi… Theologia, Commentariis et Disputationibus, tum Dogmaticis, tum Scholasticis, Illustrata* (2 t.); São Bernardo de Claraval (†1153), abade, com os seus *Opera Omnia* (2 t.); e naturalmente o dominicano São Tomás de Aquino (†1274), quer com a totalidade da sua *Summa Theologica*, quer com o texto comentado: *Commentatiorum ac Disputationum… Summae Theologiae Sancti Thomae Aquinatis*, pelos renomeados jesuítas Francisco Suárez (†1617), jurista e teólogo da segunda escolástica, da Escola de Salamanca, que leu em Coimbra no final da vida; e Luís de Molina (†1600), igualmente jurista e teólogo, da Escola de Salamanca, que leu em Coimbra e Évora; ou sob a forma de resumos ou epítomes, de uso escolar: *Epitome in Universam Sacrosanctae Theologiae D. Thomae Summam*, dada a sua vastidão. Destacadas, surgem também as *Sententiae* (1 t.) do filósofo Pedro Lombardo (†1160), dada a fama, poder de síntese teológica e contributo para os sacramentos. Em razão da sua importância, já desde a Idade Média, há sobre elas vários comentários, de que destacamos, pela importância: *In Tertium Librum Sententiarum Eruditissima Commentaria cum Quaestionibus* (1 t.), de Egídio Romano (†1316), filósofo medieval e teólogo escolástico, mas sobretudo os comentários de São Boaventura (†1274), teólogo e filósofo escolástico: *Perlustratio Sancti Bonaventure in Primum [-Tertium] Librum Sententiarum* (3 t.), que poderá muito bem ser a ed. de 1493, de Kilian Fischer, portanto um incunábulo.

Outra obra de destaque é a de alguns Teólogos afamados: a célebre obra de Bento XIV (†1758), Papa e exímio teólogo: *Benedicti XIV… [Opera]* (8 t.), que foi editada em Roma pelo jesuíta português Manuel de Azevedo (S.J.), seu secretário e exímio liturgista; ou o seu *Bullarium* (2 t.); a obra enciclopédica *Prompta Bibliotheca Canonica, Juridica, Moralis, Theologica, nec non Ascetica, Polemica, Rubricistica, Historica* (4 t.), de vasto alcance teológico, do franciscano e canonista Lúcio Ferraris (†1763); os *Opera Omnia* (2 t.), do bispo e canonista Martino Bonacina (†1631), obra sobretudo de carácter jurídico; a *Theologia Christiana Dogmatica-Moralis* (10 t.), do teólogo dominicano e pregador Daniel Concina (†1756); e a *Opera* (7 t.), do teólogo inglês José Bingham (†1723), que

investigou a origem e as antiguidades da igreja cristã.

6.3. Teologia (em sentido lato) e Teologia Moral

Segue-se no inventário uma temática vasta, em que esta comunidade tem muito interesse e que é central na disciplina teológica: sobretudo a Teologia Moral (sobre os preceitos de viver de acordo com os princípios ético-morais subjacentes à doutrina cristã, tão importante para estudantes e professores como para leigos), mas também a Teologia Sistemática (englobando a Teologia Doutrinal, a Teologia Dogmática, a Trindade, Cristologia e Mariologia…) e a Teologia Escolástica. Muita dela é bibliografia de caráter escolar, que servia de apoio à preparação de mestres e à aprendizagem de estudantes, a qual pode surgir sob a forma de variados títulos, como *Summae*, obras generalistas de síntese teológica, *Cursus*, *Compendium*, *Promptuarium, Institutiones*, *Apparatus* e *Repertorium* teológicos.

Aí se acha, como era de prever, a obra generalista *Summa Totius Theologiae* (4 t.) de São Tomás de Aquino (†1274), Doutor da Igreja, que percorre os campos da ética, da lei natural, da metafísica e da teoria política e era apropriada para estudantes de Teologia; ao qual se seguem outras *Summae*: como a *Summa Theologiae Scholasticae* (1 t.) do jesuíta Martinus Becano (†1624), teólogo e polemista, que obteve várias edições e era igualmente apropriada para estudantes de Teologia; e entre os *Cursus* e *Compendia* de Teologia, destinados a professores e a estudantes, merece destaque: os *Cursus Theologici* (2 t.), do jesuíta João Baptista Gormaz (†1708), professor de Teologia; os *Cursus Theologici* (2 t.), do jesuíta José de Araújo (†1759), professor de teologia e autor nacional; o *Cursus Theologicus ad usum tyronum elucubratus* (2 t.), do jesuíta Domingos Viva, professor de Teologia, que foi cuidadosamente preparado (*elucubratus*) para uso dos aprendizes (*ad usum tyronum)*.

Muita desta bibliografia teológica está orientada para a Teologia Moral ou Ética Cristã, tão útil para professores, estudantes ou leigos, como: a *Theologiae Moralis Summa* (2 t.), do franciscano Clemente Piselli (†1715); o *Cursus Theologiae Moralis* (3 t.), do carmelita Francisco de Jesus Maria, da Univ. de Salamanca; o *Promptuarium Theologicum Morale* (2 t.), do jesuíta português Bento Pereira (†1681), da Univ. de Évora, também conhecido pela sua obra de lexicografia; o *Repertorium Morale Utriusque Fori* (1 t.), de Octávio Maria de S. José (O.S.A.), em que por «utriusque fori» (ambos os foros) se entende o foro secular e o eclesiástico, e que responde às muitas interrogações acerca da ética cristã; e as *Institutiones Theologiae Moralis* (6 t.), de Pedro Collet (†1770), da Univ. de Paris… e bastantes outras obras que contêm no seu título; *Theologia Moralis; Ethica Christiana*; *Moralis Christiana*; *Opus morale; Promptuarium*

morale; Compendium Morale; Lux Moralis ou ainda *Quaestiones Morales.*

Ou, então, é bibliografia escolar que está orientada para a Teologia Dogmática, Escolástica e Moral, como: o *Compendium Theologiae Dogmaticae, Scholasticae et Moralis* (3 t.), do beneditino Domingos Schram (†1797), teólogo e canonista alemão, que foi apresentado de acordo com método científico; o *Cursus Theologicus Scholastico-Dogmaticus et Moralis* (2 t.), do teólogo francês Honoratus Tournely (†1729), conhecido oponente do Jansenismo; ou a *Theologia Universa in Via Recentiorum ad usum studentium accommodata* (2 t.), do teólogo austríaco Marco Maria Struggle, que, além de ser uma síntese completa, está atualizada e ajustada aos estudantes, em que se exploram assuntos como: Trindade, Anjos, Escatologia, Pecado e Graça… e outra bibliografia que contém no título *Theologia Speculativa* e *Theologia Scholastica.*

A bibliografia que contém no título *Praelectiones*: ato de ler em voz alta, remete para lições universitárias dos mestres e é igualmente útil para o ensino de Teologia, como: as famosas *Praelectiones Theologicae* (4 t.), do dominicano Pedro Maria Gazzaniga (†1799), que leu na Univ. de Viena e que foram aumentadas, corrigidas e reordenadas; e as *Praelectiones Theologicae* (11 t.), do teólogo francês Honoratus Tournely (†1729), sobre as lições que leu na Sorbonne, em que explora temas como: os atributos de Deus, a graça, a Trindade, a Igreja, a Incarnação e sobretudo os Sacramentos.

Sempre que no título surge *Medulla*, *Opuscula* ou *Synopsis*, significa que são compêndios resumidos e escolares, em que esta comunidade tem interesse para instrução dos aprendizes, como p. ex., *Medulla Theologicae* (2 t.), de Luís Abelli (†1691), adversário do Jansenismo; ou a *Medulla Theologiae Moralis* (1 t), do jesuíta e moralista da Univ. de Colónia, Herman Busembaum (†1668), de abundante tiragem (mais de 200 edições!), que resolvia casos de consciência de forma fácil e metódica; ou a *Synopsis Totius Cursus Theologici Accuratissima* (5 t.), do jesuíta Jaime Platel (†1681), que além de síntese de toda a teologia (especulativa, prática, moral e polémica), também foi feita com extremo cuidado e método; ou a *Sacrae Theologiae Moralis Medulla Recens ad Mentem Celeberrimorum Patrum Salmanticensium* (1 t.), de Paulo Jerónimo de Sancta Helena (O.C.D.), que, além de *recens* (recente), também exprime o pensamento dos mais célebres teólogos da Univ. de Salamanca.

Surge nesta secção, dentro da Teologia Moral ou Ética Cristã, bibliografia de apoio à pastoral e à disciplina eclesiástica, que possui no título o sintagma «casus conscientiae», a qual, sendo obra casuística, respondia a situações complexas de conflito moral ou dilemas éticos, com vista a tomar uma decisão ética adequada, sendo útil para penitentes e sobretudo para a formação do clero: confessores e diretores espirituais. Aqui se inclui a muito considerada obra do moralista

e casuísta Antonino Diana (†1663): a *Summa Diana* (1 t.) e as *Resolutiones Morales,* que prometiam a resolução de casos de consciência complexos; assim como o *De Restitutione Tractus* (*Tratado sobre a restituição)* (2 t.), do celebrado jesuíta evorense Emanuel Pereira (S.J.), útil para confessores, penitentes e juristas de ambos os direitos; o *Thesaurus Casuum Conscientiae* (1 t.), do beneditino Gregorio Sayro (†1602); e, sob a forma de dicionário, o *Dictionarium Casuum Conscientiae* (3 t.), do canonista João Pontas (†1728), que, apoiado nas decretais e nos Padres, apresentava decisões de dificuldades morais e de disciplina eclesiástica; e as *Variae Responsiones Casuum Conscientiae* (1 t.), do teólogo agostiniano português Luís de Beja Perestrello (†1610), redigido sob a forma de pergunta-resposta… e outra bibliografia que contém no título: *casus conscientiae* e *instructorium conscientiae*.

Alguma desta bibliografia está orientada para o sacramento da penitência ou foro penitencial, na linha do antigo género «manuais de confessores», em que esta comunidade estava interessada no âmbito das suas funções pastorais, de formação teológica do clero e da disciplina eclesiástica. Sem dúvida que o sacramento da penitência é aquele que mais interesse desperta, a exemplo de: *Director Confessariorum in Forma Catechismi* (1 t.), de Bertin Bertaut (†1658)… e outra bibliografia que contém no título: «Directores animarum», como a *Lucerna Mystica pro Directoribus Animarum* (1 t.), de José Lopez Ezquerra. Outra é bibliografia prática acerca do confessionário: *Praxis Confessarii ad bene excipiendas confessiones ad instructionem tyronum confessariorum* (1 t.), de São Afonso de Ligório (†1787), santo padroeiro dos confessores, que era apropriada não só para instrução dos aprendizes (*tyronum*), mas também para extrair (*excipiendas*) boas confissões… e outra bibliografia que contém no título *Praxis Theologica*.

6.4. Teologia Polémica / Apologética cristã

De igual forma, esta comunidade monástica tem interesse em documentar-se bem na defesa do cristianismo contra ateus, *politeus*, heréticos, judeus e muçulmanos, no combate às heresias e na defesa do catolicismo contra os protestantes, no âmbito da Contrarreforma, matéria que atingiu o seu apogeu histórico no séc. XVI-XVII, na luta teológica contra o protestantismo – é a Teologia Apologética ou de controvérsia. Sendo esta uma biblioteca teológica pós-Trento, a apologética não poderia faltar, até porque a defesa do cristianismo é uma função de todo o cristão e muito mais de um clérigo ou pregador. Aí se inclui: o *Propugnaculum Ortodoxae Fidei* (1 t.), do capuchinho Martín de Torrecilla (†1709), que, como o próprio nome indica, é um *Baluarte da Verdadeira Fé* – o cristianismo-catolicismo; a *Veritas Religionis Christianae Contra Atheos, Polytheos, Idolatras, Mahometanos, & Judaeos* (2 t.), do dominicano Vicente Luís Gotti

(†1742), cardeal; a *Vera Ecclesia Christi* (1 t.), provavelmente de autor nacional. A Bula da Cruzada contra os Turcos, *Compendium Bullae Cruciatae Lusitaniae Concessae,* do jesuíta Luís Nogueira (†1696), tem aqui motivo de inclusão.

6.5. Parenética ou oratória sacra

A sermonária, parenética ou oratória sacra é dominada pelas línguas vernáculas: castelhano, português e até francês, já que a pregação era efetuada em vulgar, como havia sido determinado no longínquo Concílio de Tour (813), ainda que a Liturgia fosse em latim. São sobretudo sermões em honra dos santos (nas festas dos santos), solenidades de Maria e sobre as Festas principais do Ano: Advento, Quadragésima (1.º domingo da Quaresma) e sobretudo Quaresma; Paixão de Cristo e Páscoa; domingos do ano.

Ainda assim surge alguma bibliografia em latim, de que destacamos: as *Homiliae Sacrae seu Aurei Sermones* (1 t.), de S. Pedro Crisólogo (†450), Doutor da Igreja e autor de belos sermões, que brinca com o seu nome: Crisólogo (palavra de ouro) e o título da obra: «aurei sermones»; o *Evangelicus Concionator et Novi Hominis Institutio* (*Orador evangélico e a instituição do novo homem*) (2 t.), do jesuíta F. Garcia del Valle, que pretende a instrução de um novo orador sacro; a *Polyanthea Sacra* (2 t.), do jesuíta André Spanner, que, como o nome indica, trata-se de uma antologia (polianteia), sob a forma de figuras, símbolos e testemunhos da *Bíblia* e dos grandes autores para auxílio aos pregadores; os *Loci Communes ad Conciones* (1 t), do jesuíta Francisco Labata (†1631), que contém inúmeros lugares-comuns para a construção de sermões; ou a obra mariana do franciscano João de Cartagena, que explora os sagrados mistérios («sacris arcanis») da Virgem Maria e de São José: *Homiliae Catholicae de Sacris Arcanis* (3 t.).

Entre os diferentes períodos do ano litúrgico, o Tempo da Quaresma merece lugar de destaque, como em: *Homiliae Quadragesimales* (4 t.), do dominicano Jerónimo Baptista de Lanuza (†1624), célebre pelas suas homilias; ou as *Homiliae in Omnia quae per Quadragesimam Legentur Evangelia* (1 t.), do carmelita Thomas Beauxalmis (†1589), conhecido pela defesa do catolicismo contra os escritores protestantes, que explora todos os Evangelhos que são lidos na Quaresma; ou outros períodos, como o Advento: *Sacrae Enneades Adventuales* (1 t.), do franciscano Maurício Hylaret (†1561), sobre os nove dias (*enneades*) sagrados do Advento; ou os célebres sermões do pregador dominicano Luís de Granada (†1588), que viveu a maior parte da vida em Portugal: *Conciones de Tempore* (*Sermões de Tempore* - 4 t.), sobre o «proprium de Tempore» (desde o Advento até ao fim do Pentecostes, incluindo o ciclo do Natal, da Septuaginta e do tempo pascal); e os *Conciones de Tempore et Sanctis in Epitomen Redactae* (1

t.), que são sobre o «proprium de tempore» e o «proprium de Sanctis» (próprio dos Santos), mas de forma resumida… e outra bibliografia que contém no título: *Sermones, Homiliae, Conciones* (sermões / discursos), *Ennarrationes*.

6.6. Concílios, Bulários, legislação eclesiástica e Direito Canónico

Como era de prever, a biblioteca de Refojos possuía grandes coleções legislativas eclesiásticas, útil para canonistas, lentes, sacerdotes e estudantes, entre os quais destacamos: a coleção de concílios do historiador jesuíta Gabriel Cossart (†1674) – *Sacrorum Conciliorum Nova et Amplissima Collectio* (30 t.), que, além de vasta, é nova e está mui ampliada; a *Collectio Maxima Conciliorum Ommium Hispaniae et Novi Orbis, Epistolarumque Decretalium Celebriorum* (6 t.), do cardeal beneditino José Sáenz d'Aguirre (†1699), que também é obra conciliar vasta, mas relativa à Hispânia e ao Novo Mundo, além de conter as mais célebres cartas decretais; o *Jus Canonicum Universum* (5 t.), do franciscano canonista Anacleto Reiffenstuel (†1703), que contém todo o direito canónico; ou o *Jus Ecclesiasticum Universum Antiquae et Recentiori disciplinae* (4 t.), do canonista belga Zeger Bernhard Van-Espen (†1728), que é uma coleção de todo o direito eclesiástico ajustado à antiga e recente disciplina; ou as *Institutiones juris ecclesiastici publici et privati* (3 t.), do beneditino, teólogo e canonista alemão, Fr. Domingos Schram (†1797), que engloba o direito eclesiástico público e privado; com o *Teatro da Verdade e da Justiça – Theatrum Veritatis et Justitiae, sive Decisivi Discursus per materias seu titulos distincti et ad veritatem* (11 t.), João Baptista de Luca (†1654) apresenta-nos a sua vasta obra jurídica ordenada por matérias ou títulos, que promete ser a «verdade decisiva» nas controvérsias jurídicas de ambos os direitos, sobretudo o canónico; a *Vetus et Nova Ecclesiae Disciplina circa Beneficia et Beneficiarios* (10 t.), do oratoriano bispo Luís Thomassin (†1695), sobre benefícios eclesiásticos e beneficiários, quer antigos, quer contemporâneos; e naturalmente as disposições do Concílio de Trento, como o *Ordo Verborum in Sacrosanctum et Oecumenicum Concilium Tridentinum* (1 t.), do português Francisco Freire da Silva… e outra bibliografia que contém no título *Corpus Iuris*; *Sacra Canona*; *Ecclesiastica Canona*; *Ius Ecclesiasticum; Ecclesiae disciplina*; *Concilium Tridentinum*. No campo do Direito Civil, vale a pena referir, pelo número de edições: o *De Justitia & Jure Libri Decem* (1 t.), do jurista (e físico) dominicano Domingo de Soto (†1560), da Escola de Salamanca.

6.7. História Eclesiástica, Regra e Costumeiro da Ordem de São Bento

Esta secção historiográfica é dominada pelas línguas vulgares. Ainda assim, destacam-se pelo número de volumes: a *Historia Ecclesiastica* (69 t.

em latim), do jurista e historiador Claude Fleury (†1723), que pretende fazer uma história da Igreja acessível a todos; e os *Annales Ecclesiastici* (28 t.), do historiador oratoriano, cardeal César Barónio (†1607), acerca da história da Igreja desde as origens até 1198, apoiando-se em inúmeras fontes documentais; e a *Historia Ecclesiastica Veteris Novique Testamenti* (9 t.), do historiador eclesiástico dominicano Alexandre Natalis (†1724), centrada no Novo e Antigo Testamento; e naturalmente os *Annales Ordinis S. Benedicti Occidentalium Monachorum Patriarchae* (6 t.), do beneditino João Mabillon (†1707), relativos à Congregação Beneditina; a *Regra do Glorioso Patriarcha Sam Bento Tirada de Latim em Linguajem Portuguesa* (1 t.) é uma tradução do beneditino Fr. Plácido Vilalobos (†1589) a partir do latim. Aliás, a bibliografia acerca do fundador privilegia as línguas vulgares, assim como a relativa à educação de monges e de príncipes. Por último, não poderiam faltar as Constituições da Ordem ou *Costumeiro*: *Constitutiones Monachorum Nigrorum Ordinis S. P. Benedicti Regnorum Portugalliae* (1 t.)… e outra bibliografia que contém no título: *Historia Ecclesiastica*; *Privilegia* (como os privilégios da Ordem Beneditina).

6.8. Outros livros didáticos de apoio ao Colégio de Humanidades e de Estudos Maiores

Já nos referimos a variada bibliografia escolar teológica sob a forma de *Cursus*, *Summae*, *Disputationes*, *Compendium, Promptuarium, Medulla*, *Opuscula* e *Synopsis…* Como em determinados períodos temporais o Mosteiro de Refojos teve Colégio, como já referimos, era importante dispor do respetivo material didático-pedagógico de apoio, quer referente aos autores clássicos e à Historiografia, quer à Filosofia (em sentido amplo), quer à Retórica (a irmã gémea da oratória)… e naturalmente os dicionários e as gramáticas das línguas de estudo: Latim, sobretudo, mas também Hebraico e Grego. Essa bibliografia mais de caracter escolar faz-se sentir de forma especial nesta parte final do inventário, não só por ser escolar, mas também por muita dela se encontrar repetida. Por isso surgem de novo os Cursos de Teologia, os Comentários bíblicos ou Exegese, a Teologia Moral e a Parenética (alguns repetidos, pois já tinham surgido nas seções anteriores); e surge pela primeira vez bibliografia escolar relativa à Filosofia, aos Clássicos e à Literatura…

Historiografia e Literatura Clássica

É nesta secção que encontramos os historiadores profanos e a Literatura Clássica, em que a livraria de Refojos está bem representada, já que este tipo de bibliografia era importante para o Colégio de Humanidades. Aqui encontramos os *Historiarum Libri*, do historiador Quinto C. Rufo, acerca das conquistas de

Alexandre; a *Opera*, do escritor e apologista Lactâncio (c. 240-320), em defesa do cristianismo; as *Noctes Atticae* (*Noites áticas*), do escritor Aulo Gélio, que é obra miscelânea (filosofia, história, gramática, direito e crítica literária); a *Opera*, do historiador judeu Flávio Josefo, acerca da história da Judeia no período romano; a obra filosófica e moral de Séneca, um «cristão» antes do cristianismo, de apreço dos teólogos; a obra historiográfica de Suetónio, acerca da vida dos 12 césares, comentada; o *best-seller* do historiador Floro: *Res Romanae*, acerca das glórias de Roma; o poema épico *De Belo Punico* (*A Guerra de Cartago*), do cônsul e poeta Sílio Itálico; as famosas *Historiae Mundi*, de C. Plínio; a famosa *Opera*, dos poetas do «século de ouro» Vergílio e Horácio; até as *Fabulae*, de Esopo, de uso escolar… Também a poesia latina de Petrarca; o tesouro poético de um jesuíta anónimo: *Regia Parnassi seu Palatium Musarum*, que ganhou popularidade pela sua recolha de versos poéticos de inúmeros autores. Ainda que o saber enciclopédico seja feito em vulgar, é de destacar a enciclopédia *Magnum Theatrum Vitae Humanae* (8 t.), do teólogo belga Lourenço Beyerlinck (†1627), que ordena os assuntos por ordem alfabética.

Filosofia

O campo da Filosofia é dominado pelos Jesuítas, muitos deles ligados aos Colégios de Coimbra, de Évora e de Salamanca. Aqui se situam os dois *best-sellers*, a obra lógica de Antoine Arnauld (†1694) *Logica Siue Ars Cogitandi,* e os *Elementa Philosophiae Rationalis et Moralis*, do famoso filósofo e jurista João Heinécio (†1741); mas também os célebres: *Cursus Philosophicus Conimbricensis*, do jesuíta, filósofo e historiador P.e António Cordeiro (†1722); o *Cursus Philosophicus* (4 t.), do jesuíta Francisco Soares «Lusitano» (†1602), professor na Univ. de Évora; e do franciscano Fr. Francisco Palanco (†1720), da Univ. de Salamanca; assim como os famosos *Comentarii Collegii Conimbricensis* à filosofia de Aristóteles. Ainda relativamente a Aristóteles, vale a pena referir a obra do jesuíta P.e Silvestre Aranha (†1768), do Colégio de Coimbra: *Disputationes Metaphysicae; Disputationes Logicae; Disputationes de Intellectu*; ou os famosos *Commentarii in Universam Aristotelis Dialecticam* (1 t.), do jesuíta António Rúbio (†1615)… e muita outra bibliografia didática que possui no título a palavra *Philosophia,* ou *(Nova) Logica,* ou *Dialectica,* acompanhadas de: *Institutiones; Cursus; Compendium; Comentarii; Elementa; Quaestiones; Disputationes; Eloquentia.*

Retórica

Próxima da oratória religiosa ou sermonária, de que já falamos e em que predominam as línguas vulgares, acha-se a retórica (profana e eclesiástica).

Distinguem-se neste ponto: a retórica é o conjunto de regras sobre o bem-falar; a oratória é o conjunto de discursos / sermões, ou seja, as realizações discursivas. Aí se acha a obra de Cícero, mestre da eloquência, sobretudo o famosíssimo *De oratore*; mas também a seleção dos seus melhores textos: *Orationes Selectae*, que aponta para obra escolar; ou a retórica redigida ao estilo de Cícero: *Ars Rhetorica ad Tullianam Rationem Exacta*. Quanto à figura de Aristóteles, autor de referência, foi mais apreciado pela obra filosófica do que pela retórica. Ainda assim encontramos: *Praeceptiones Rhetoricae ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano*, de Luís Crevier, que é informação retórica extraída dos três grandes *retores*. Por fim, as famosas *Ecclesiasticae Rethoricae*, do já referido pregador dominicano Luís de Granada (†1588), sobre retórica sagrada.

Dicionários e gramáticas

São materiais escolares de apoio ao ensino e aprendizagem das três línguas sagradas: Hebraico, Grego e Latim. Destacamos, pela sua difusão: o *Lexicon Hebraicum et Chaldaicum*, de João Buxtorf; o *Lexicon Manuale Graecum*, de Benjamim Hederico; a famosa *De Institutione Grammaticae*, do jesuíta P.e Manuel Álvares, (†1582), que «correu mundo», com o não menos famoso comentário de João de Morais Madureira Feijó: *Explicationes in omnes Partes Totius Artis Emmanuelis Alvarez* (de facto, a *Ars* de Manuel Álvares, de que se contam 500 ed., foi comentada e explicada por diferentes autores, atestando a sua celebridade); ou o celebérrimo *Indiculus Universalis (Tabela universal)*, do jesuíta francês P.e François-Antoine Pomey, que é um pequeno dicionário temático em latim; o famoso *Lexicum Ecclesiaticum Latino Hispanicum* (1 t.), do dominicano Fr. Diogo Ximénez Arias, que é um dicionário de latim cristão bilingue… e outra bibliografia que contém no seu título, além de *Latinus, Graecus, Hebraicus*, também as palavras: *Grammatica, Lexicon, Dictionarium, Explicationes, Selecta, Annotationes, Vocabularium* e *Thesaurus.*

6.9. Literatura cristã (Ascética, Mística) e Exercícios espirituais

Por último, uma temática mais ligada à espiritualidade dos religiosos – a Teologia ascética e mística, em que se inclui a Hagiografia, que privilegia as experiências religiosas interiores dos mistérios da fé e que identifica os «errores místicos»; e os exercícios espirituais: oração, meditação para íntima união com Deus ou êxtase. Esta literatura de aperfeiçoamento espiritual e de *aedificatio* (em que a livraria feminina de Vairão é forte) é igualmente dominada pelas línguas vulgares: Espanhol e Português. Pouco se acha em Latim, como se esta língua fosse inadequada à meditação e contemplação. Este género literário, em que se apontavam as vidas dos santos como modelos de virtude, servindo

de contraponto à literatura de ficção, pouco ou nada edificante, sofreu uma revalorização na segunda metade do séc. XVI em diante, fruto das medidas da Contrarreforma. É neste ponto que as duas Livrarias: uma masculina, feminina a outra, mais se aproximam, ou seja, onde a Livraria de Vairão começa e se desenvolve, aí termina a Livraria masculina de Refojos.

Em Latim apenas se acham: as *Institutiones Theologiae Mysticae* (2 t.), do beneditino, teólogo e canonista alemão, Fr. Domingos Schram (†1797), para uso dos diretores espirituais e leigos que buscam a perfeição cristã; o famoso *Virtutum Vitiorumque Exempla* (1 t.), de Nicolas de Hannapes (†1291), patriarca de Jerusalém, sobre moral cristã, que explora o par «virtudes e vícios» extraídos do repositório de ambas as leis; o *best-seller Contemptus Mundi* (*Desprezo do mundo*), de Tomás de Kempis (†1471); e a obra do místico Ioannes Gerson (†1429), da Univ. de Paris: *De Imitatione Christi et de Contemptu Omnium Vanitatum Mundi*, que lembra o início do *Eclesiastes.*

7. Livraria latina da Botica

Efetivamente, a Ordem de São Bento preocupava-se com a cura dos doentes e com a arte farmacêutica, o que levou ao desenvolvimento de uma biblioteca especializada – a Livraria da Botica, que também foi descrita pelo inventário da *exclaustração* em catálogo à parte[32]. Por se achar quase toda (exceto dois livros) na botica e, portanto, separada da biblioteca comum, parece ter tido vida autónoma. A razão foi devida à sua localização (na botica) e à especialização, quer de conteúdo técnico médico-farmacêutico, quer de leitores.

Na botica o monge boticário fabricava medicamentos destinados aos doentes, quer aos monges do mosteiro, quer à comunidade exterior que ali acorria. Na verdade, os mosteiros eram o baluarte dos pobres que batiam à porta e pediam pão, sopa e remédios; e a prova de que havia um trato assíduo com os doentes da região está na «lista pormenorizada dos devedores à botica»[33], a qual se conserva.

O cargo de boticário era especializado. Além dos conhecimentos médico-farmacêuticos, tinha de saber latim, língua da ciência, para assim proceder às manipulações, sendo o mesmo recomendável aos aprendizes de Medicina e Farmácia: «boticários soubessem latim, alegando muitos as atendíveis razões

[32] ANTT, Ministério das Finanças, *Colégio de São Bento de Refojos de Basto*, caixa 2247, fls. 19v - 20r.

[33] Em DIAS – *O Mosteiro de São Miguel de Refojos*…, p. 90; SEQUEIRA, Maria Olga Portela Gonçalves de Paz – *A Botica do Mosteiro de S. Miguel de Refojos*. In Pedro Vilas Boas Tavares *et al.* – *Atas do I Seminário Internacional: «A ordem beneditina, o papel dos mosteiros e o património da UNESCO»*. Cabeceiras de Basto: Município de Cabeceiras de Basto, 2016, p. 81 e ss, p. 97 e ss.

para este efeito» e o mesmo se dizia a respeito dos praticantes[34]. E não é sem razão, pois de entre as 30 obras inventariadas, pelo menos 16 são em latim, o que perfaz mais de 50% do *corpus* médico-farmacêutico, que contém no título as palavras: *Pharmacopea; Opera; Opera Omnia; Tractatus; Bibliotheca; Thesaurus; Corpus; Cursus; Materia Medica; Breviarium; Lexicon*.

Foi identificada e descrita por Luana GIURGEVICH[35], que também estabelece uma classificação em quatro géneros ou tipologias: as farmacopeias: como a *Pharmacopea Tubalense* (2 t.), de Manuel Rodrigues Coelho, de grande circulação em Portugal e em português; e a *Pharmacopea Matricensis* (1 t.); os «livros dos simples», sob a forma de dicionários (químicos), glossários e lexicográficos, como o *Lexicon Chimico-Pharmaceuticum* (1 t.), de João H. Jungken (†1726), teólogo e médico alemão; os manuais pedagógicos ou livros de ensino dos boticários, talvez pelo facto de no Mosteiro ter funcionado, em algum período temporal, uma escola prática para boticários; e as obras médico-cirúrgicas, que constituem a maioria do acervo, como: a *Opera medica theoretico-practica* (5 t.), de Miguel Ettmuller (†1683), médico alemão e professor na Uni. de Leipzig; os *Opera omnia medico-physica et philologica* (3 t.), de José Lanzoni (†1730), de Ferrara, doutor de Filosofia e Medicina; a *Bibliotheca Pharmaceutico-medica* (2 t.), de Jacques Manget (†1742), médico e epidemiologista de Genebra; e o *Thesaurus et armamentarium medico-chymicum* (t. 1), de Adrian von Mynsicht (†1638), químico alemão.

Conclusão

A rica Livraria do Mosteiro de Refojos de Basto, uma das cerca de 577 que foram inventariadas em 1834, aparenta ser o modelo de uma biblioteca monástica beneditina masculina (já que a feminina era bastante diferente) do século XVI em diante, de entre os 22 mosteiros da Congregação na Metrópole. É, em termos gerais, uma biblioteca (latina) equilibrada nas diferentes áreas teológicas; materialmente rica, se se atender ao local de implantação, em zona rural, algo distante dos grandes centros urbanos; que reflete a penetração das Luzes no claustro; em que há o cuidado de atualização bibliográfica e investimento no bem cultural livro; de tradição hispânica e românica, mas que não carece de bibliografia de outras geografias; especializada na Teologia e disciplinas ancilares, com abundante material didático, estando o Latim muito bem representado nas principais áreas, as quais ultrapassam em muito o campo da

[34] DIAS – *O Mosteiro de São Miguel de Refojos*…, p. 82; SEQUEIRA – *A Botica do Mosteiro de S. Miguel de Refojos*…, p. 69 e 71 e ss.

[35] GIURGEVICH – *Bibliotecas de boticas beneditinas*…, p. 225-236; e Apêndice, Doc. 1, p. 237-248.

pregação. São: Sagradas Escrituras e Teologia Bíblica, Exegese, Padres da Igreja, Doutores e grandes Teólogos, Teologia Moral, Dogmática e Escolástica, Direito Canónico e História Eclesiástica, e inúmeros manuais do ensino teológico, mas também a Filosofia, como disciplina ancilar da Teologia, e os clássicos latinos. Em termos de aquisições, ela revela os interesses e gostos dos seus usuários e as necessidades do mosteiro: preparação dos monges para as atividades pastorais; a prática da *lectio* e da *lectio divina*, tanto em comunidade como em privado; mas sobretudo a formação, quer de mestres, quer de estudantes, pois é certo que nalguns períodos o mosteiro foi Colégio de Humanidades para os noviços e coristas e Colégio de Estudos Maiores: de Filosofia e até de Teologia, esta por breve tempo. Todas estas circunstâncias influíram nas aquisições bibliográficos do mosteiro, que foi considerado uma das «casas grandes» da Ordem, facto que contribuiu igualmente para maiores aquisições bibliográficas.

Artigo recebido em 26/10/2024
Artigo aceite para publicação em 26/11/2024